

A Igreja, “Corpo e Sangue de Cristo” – uma proposta eclesiológica

Resumo

A Igreja pode ser chamada de “corpo e sangue de Cristo”. Não é expressão paulina, mas se encontra em Padres da Igreja. A denominação da Igreja como “sangue de Cristo” precisa ser entendida em analogia com aquela de “corpo de Cristo” e segundo o significado do “sangue” de Cristo nos escritos do Novo Testamento. De acordo com isso, a expressão “sangue de Cristo” aplicada à Igreja exprime a verdade que ela é instrumento da ação salvadora de Cristo também mediante a vida dos seus membros, enquanto estes, no seu agir e sofrer, são motivados e vivificados, no Espírito Santo, pelo amor de Cristo, por este amor com o qual Ele deu a vida, derramou Seu sangue por todos os homens. Nesta exposição insere-se também uma reflexão sobre o sentido da epiclese eucarística sobre as oferendas de pão e vinho e os fiéis comungantes, bem como sobre uma formulação mais expressiva das orações com os quais o sacerdote celebrante coloca o pão e o vinho sobre o altar.

Summary

The Church can be called the “body and blood of Christ”. This is not a Pauline expression, but is found in the Fathers of the Church. The denomination of the Church as the “blood of Christ” must be understood in analogy with that of the “body of Christ” and according to the meaning of the “blood” of Christ in the writings of the New Testament. Accordingly, the expression “blood of Christ” applied to the Church expresses the truth that she is the instrument of Christ’s saving action also through the lives of her members, in so far as these, in their actions and sufferings, are motivated and enlivened in the Holy Spirit by the love of Christ, by this love with which he gave his life, shedding his blood for all men. This exposition also includes a reflection on the meaning of the Eucharistic epiclesis on the offerings of bread and wine and

the faithful who receive Holy Communion, as well as on a more expressive formulation of the prayers with which the celebrating priest places the bread and wine on the altar.

* * *

Introdução

“Vós todos sois o corpo de Cristo e, individualmente, sois membros desse corpo” (*1 Cor 12,27*). Esta é a doutrina do Apóstolo Paulo: a Igreja é o Corpo de Cristo. Muito se tem refletido e escrito a respeito da doutrina que afirma que a Igreja é o “Corpo” de Cristo, acrescentando-se muitas vezes o adjetivo “místico”, para distinguir o Corpo de Cristo que é a Igreja do corpo físico de Cristo. Reconhece-se que esta ideia da Igreja como “Corpo” de Cristo está relacionada com a santíssima Eucaristia, relação esta que o Apóstolo Paulo estabelece na primeira Carta aos Coríntios: “O pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo? Porque há um só pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, pois todos participamos desse único pão” (10,16-17). Os fiéis que, pela Comunhão eucarística, recebem o único e mesmo Corpo de Cristo (“um só pão”) são um só “Corpo”, exatamente pela comunhão com esse único e mesmo Corpo de Cristo. “Um só Corpo”, este é o mistério da Igreja como “Corpo de Cristo”. O Catecismo da Igreja Católica diz que a Igreja vive “do Corpo de Cristo e se torna, assim, Corpo de Cristo” (*CIC* n. 752). “Alimentados pelo Corpo de Cristo,” os fiéis “se tornam Corpo de Cristo” (*CIC* n. 777). A “Igreja, Corpo de Cristo”, esta é, portanto, uma expressão tranquilamente aceita por quem tem a fé cristã.

I. A Igreja, Corpo e Sangue de Cristo

Na primeira Carta aos Coríntios, antes do trecho citado acima, São Paulo fala também do *Sangue* de Cristo e da comunhão dos fiéis com este Sangue do Senhor: “O cálice da bênção, que abençoamos, não é comunhão com o Sangue de Cristo?” (*1 Cor 12,16*). Em seguida, porém, tira a conclusão já citada somente com relação ao “Corpo” de Cristo: pela

participação do único pão, que é o único e mesmo Corpo de Cristo, os fiéis são um só Corpo, são a Igreja como Corpo de Cristo. A conclusão que se poderia tirar da participação de um só cálice, ou seja, de um só vinho, que é o Sangue de Cristo, seria a seguinte: os fiéis são também o *Sangue* de Cristo; portanto, são a Igreja como Sangue de Cristo. Esta conclusão não se encontra nos escritos paulinos.

Na literatura patrística, porém, encontra-se também a denominação da Igreja como Corpo *e Sangue* de Cristo. Eis um texto de São João Damasceno, falando da Eucaristia:

Chama-se comunhão e é verdadeiramente comunhão, pois através dele temos comunhão com Cristo e participamos da sua carne e da sua divindade. Mas através dela também entramos em comunhão e conexão entre nós. Pois todos nós que participamos de um só pão nos tornamos um só corpo de Cristo, *um só sangue*, e membros uns dos outros, sendo unidos a Cristo como um só corpo.¹

São João Damasceno diz, portanto, que pela Comunhão eucarística nos tornamos também um só Sangue, o Sangue de Cristo.

Antes de São João Damasceno, o Papa São Leão Magno disse algo semelhante. Esta sua palavra é mais conhecida, mas normalmente não se presta atenção ao fato que ele fala também do *Sangue* de Cristo e aplica, portanto, também ao Sangue de Cristo a afirmação “in id quod sumimus transeamus”: “non aliud agit participatio corporis *et sanguinis* Christi, quam ut in id quod sumimus transeamus” – “a participação no Corpo e no *sangue* de Cristo não opera outra coisa senão a *nossa transformação naquilo que recebemos*”².

¹ *De fide orthodoxa*, lib. 4, cap. 13: PG 94, 1154.

² LEO MAGNUS, *Serm.* 63,7: PL 54, 357 C. O Concílio Vaticano II citou este texto (LG 26) e ele se encontra também em orações litúrgicas (p. ex., a *Post communionem* da missa do 27º domingo do Tempo comum). Numa carta, Leão Magno escreveu: “in illa mystica distributione spiritalis alimoniae hoc impertitur, hoc sumitur, ut accipientes virtutem caelestis cibi *in carnem ipsius qui caro nostra factus est, transeamus*” (*Epist.* 59,2: ACO II/4,34). Tradução portuguesa: “nessa distribuição mística do alimento espiritual é dado, é comido isso, para que, recebendo a força do alimento celeste, sejamos transformados na carne daquele que se fez nossa carne”.

Cf. também as palavras de Sto. Agostinho, citadas por BENTO XVI na exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum caritatis*, n. 36: “referindo-se precisamente ao mistério eucarístico, o grande santo de Hipona põe em evidência como o próprio Cristo nos assimila a Si mesmo: «O pão que vedes sobre o altar, santificado com a palavra de Deus, é o corpo de Cristo. O cálice, ou melhor, aquilo que o cálice contém, santificado com as

Pode-se lembrar também a doutrina de São Cirilo de Jerusalém, que observa que com o sacramento do Corpo e Sangue de Cristo os cristãos se tornam “um só corpo (*syssōmoi*) e um só sangue (*synaimoi*) com Cristo”.³ “Recebemos, pois, com toda a convicção, o Corpo e o Sangue de Cristo. Porque sob a forma de pão é o corpo que te é dado, e sob a forma de vinho, é o sangue que te é entregue. Assim, ao receberes o corpo e o sangue de Cristo, te transformas com ele num só corpo e num só sangue. Deste modo, tendo assimilado em nossos membros o seu corpo e o seu sangue, tornamo-nos portadores de Cristo; tornamo-nos, como diz São Pedro, participantes da natureza divina”.⁴

Passando da era patrística ao nosso século, podemos citar as palavras do Papa Bento XVI, que, tratando do mistério da união eucarística, fala expressamente do Corpo *e do Sangue* de Cristo:

Além disso, tenhamos presente o facto de que, no capítulo 6 do Evangelho de João, encontramos o discurso a respeito do pão, que se torna o grande discurso acerca do mistério eucarístico. Neste capítulo 15, encontramos o discurso sobre o vinho: o Senhor não fala de maneira explícita da Eucaristia mas, naturalmente, por detrás do mistério do vinho encontra-se a realidade de que Ele se fez fruto e vinho para nós, que o seu sangue é o fruto do amor que nasce da terra para sempre e, na Eucaristia, o seu sangue torna-se o nosso sangue, e nós somos renovados, recebemos uma nova identidade, porque o sangue de Cristo se torna o nosso sangue. Assim, tornamo-nos parentes de Deus no Filho e, na Eucaristia, torna-se realidade esta grande efectividade da videira, em que nós somos ramos unidos ao Filho e desta forma unidos com o amor eterno.

“Permanecei”: permanecer neste grande mistério, permanecer neste novo dom do Senhor, que fez de nós um povo em si mesmo, no seu Corpo e com o seu Sangue. Parece-me que temos de meditar muito a respeito deste mistério, ou seja, sobre o facto de que o próprio Deus se torna Corpo, um conosco; Sangue, um conosco; que nós podemos permanecer – permane-

palavras de Deus, é sangue de Cristo. Com estes [sinais], Cristo Senhor quis confiar-nos o seu corpo e o seu sangue, que derramou por nós para a remissão dos pecados. Se os recebestes bem, *vós mesmos sois Aquele que recebestes*» (*Sermo* 227, 1: *PL* 38, 1099).

³ *Cat. Mistag.*, 4,1: *SCh* 126bis, 134 (*PG* 33, 1097). Pode-se traduzir a expressão mais literalmente: “*com-corpóreos e com-sanguíneos* com Cristo”. Cf. igualmente São CIRILO DE ALEXANDRIA, *Tratado sobre João*, 11: *PG* 74,561 (συσσώμους); N. CABASILAS, *A vida em Cristo*, IV: *PG* 150,584-585.

⁴ *Cat. Mistag.*, 4,3: *SCh* 126bis, 136 (*PG* 33, 1100). A tradução portuguesa é aquela que se encontra na *Liturgia das Horas, Ofício das Leituras*, Sábado na oitava da Páscoa (ed. brasileira).

cendo neste mistério – na comunhão com o próprio Deus, nesta grande história de amor, que é a história da verdadeira felicidade. [...]

Como já pude mencionar, todas estas palavras do Senhor têm uma base sacramental. A base fundamental para a parábola da videira é o Baptismo: somos implantados em Cristo; e a Eucaristia: somos um pão, um corpo, um sangue, uma vida com Cristo.⁵

II. A compreensão e o fundamento da expressão

Para não entender mal a expressão “Sangue de Cristo” aplicada aos fiéis cristãos, ou seja, à Igreja, faz-se necessário tomar consciência de que o conceito “sangue” não é aqui um conceito preciso, ou seja, não designa o sangue físico de Cristo nem o sangue dos fiéis. Este é também o caso da expressão “Corpo de Cristo” aplicada à Igreja: a Igreja não é o corpo físico de Cristo, nem é ela mesma um corpo físico. Trata-se de uma comparação, de uma imagem. Por outro lado, não se trata apenas de uma comparação, enquanto os fiéis são esse Corpo *em virtude da sua união misteriosa com o Corpo de Cristo*, mediante a Comunhão eucarística. Esta concepção da Igreja como “Corpo de Cristo” projeta luz sobre a perfeição da união da Igreja com Cristo, uma união de incomparável intimidade através do dom do Corpo de Cristo pelo sacramento da Eucaristia.⁶ Assim, também a comparação da Igreja com o “Sangue” se fundamenta sobre a *união com o Sangue de Cristo* através da Comunhão eucarística.

Se nos perguntarmos qual é a *diferença* entre a imagem do “corpo” e a do “sangue”, devemos considerar o que diz a Sagrada Escritura a este respeito. Pode-se, então, constatar que as afirmações a respeito do Sangue de Cristo sempre se referem a um *agir*, um *atuar*: o Sangue de Cristo como *princípio de ação da nossa redenção*. O “corpo” é, de fato, uma realidade estática, enquanto o “sangue” é um líquido, algo que *se move*, que flui e causa a *vitalidade* do corpo, o funcionamento das atividades

⁵ “Lectio divina” na capela do Pontifício Seminário Romano Maior, 12 de fevereiro de 2010 (*L'Osservatore Romano*, n. 8, sábado 20 de fevereiro de 2010, p. 4).

⁶ Cf. *CIC* n. 789: “A comparação da Igreja com o corpo projeta uma luz sobre os laços íntimos entre a Igreja e Cristo. Ela não é somente congregada *em torno dele*; é unificada *nele*, em seu Corpo.” Cf. também *CIC* n. 790: “Os crentes que respondem à Palavra de Deus e se tornam membros do Corpo de Cristo ficam estreitamente unidos a Cristo [...]. Isto é particularmente verdade com relação ao Batismo [...] e com relação à Eucaristia, pela qual, “participando realmente do Corpo de Cristo”, “somos elevados à comunhão com ele e entre nós” (LG 7).”

vitais. Também vale ressaltar que, quando a Sagrada Escritura fala do Sangue de Cristo, fala normalmente do *derramamento* do Sangue ou do Sangue *derramado* de Cristo e, mais exatamente, da *eficácia* deste derramamento. O Sangue de Cristo que, como o Sangue da Nova Aliança, é causa da nossa salvação, é o Sangue “que é derramado em favor de muitos, para remissão dos pecados” (Mt 26,28).

Não somente as palavras da instituição da Eucaristia⁷, mas também tantos outros trechos do Novo Testamento mostram isso. Assim, o Apóstolo Paulo diz que Cristo é “por seu próprio Sangue, instrumento de expiação” (Rm 3,25); “por seu Sangue obtemos a redenção e recebemos o perdão de nossas faltas” (Ef 1,7). De fato, “o Sangue de Cristo purificará a nossa consciência das obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!” (Hb 9,14; cf. 9,18.22). Caminhando na luz, “o Sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado” (1 Jo 1,7).⁸

Por isso, pode-se dizer que a Igreja é o “Sangue” de Cristo em seu *agir por Cristo, com Cristo e em Cristo*⁹ ou pelo *agir de Cristo nela e por ela*; e ela é o “Corpo” de Cristo em seu *ser em Cristo*. O Apóstolo Paulo fala tantas vezes deste *ser em Cristo*, p. ex. em Rm 8,1: “os que estão em Cristo Jesus” (cf. 1 Cor 1,30; 2 Cor 5,17, etc.). Deste modo, são “em Cristo um só Corpo” (Rm 12,5), o “Corpo de Cristo” (1 Cor 12,27).

Com a concepção da Igreja como “Corpo” de Cristo está ligada também a presença *visível* de Cristo na terra. Através do Seu Corpo, Cristo, o Filho de Deus encarnado, Se fez visivelmente presente neste mundo. Agora, depois de Sua ascensão aos Céus, Ele mantém Sua presença, de alguma maneira visível, na Igreja e através da Igreja como Seu Corpo. A doutrina da Igreja como “*Corpo*” e *Corpo de Cristo*, exprime, portanto, a sua união com Cristo, seu *ser em Cristo* – que, na Eucaristia, Se doa a ela em Seu Corpo –, como também a *unidade* que os membros da Igreja formam pela sua comum união com Cristo; além disso, comporta o aspecto da *visibilidade* da presença de Cristo no mundo através da Igreja e na Igreja.

⁷ Cf. ainda Mc 14,24; Lc 22,20; 1 Cor 11,25.

⁸ Cf. ainda At 20,28; Ef 2,13; Cl 1,20; Hb 10,19.29; 12,24; 13,12.20; 1 Pd 1,2.18-19; Ap 1,5; 5,9; 7,14; 12,11.

⁹ Cf. a doxologia final da Oração eucarística no rito romano: “Por Cristo, com Cristo e em Cristo ...”

O conceito “Igreja *Sangue* de Cristo” pode exprimir o seguinte:

1. Através da união eucarística, isto é, com o Corpo e Sangue de Cristo, os cristãos também em seu *agir* estão *unidos a Cristo*.
2. Os cristãos podem e devem *participar da ação redentora de Cristo*, mas o podem somente por Ele e com Ele, em união com Ele¹⁰, somente, portanto, como *sendo Seu “Sangue”*. No fundo, ou sob o aspecto mais determinante, é Cristo que age em, com e através de Sua Igreja, unida a Ele. Ele *salva através do Seu Sangue*, inclusive através do Seu Sangue que é a Igreja, que são os fiéis em união viva com Ele.

Quanto a essa “ação” da Igreja, é evidente que faz parte importante dessa ação o *sofrimento*, isto é, a participação no *amor sofredor*, expiatório e redentor de Cristo. São Paulo refere-se a esta ação quando escreve na Carta aos Colossenses: “Alegro-me nos sofrimentos que tenho suportado por vós e completo, na minha carne, o que falta às tribulações de Cristo em favor do seu Corpo que é a Igreja” (*Cl* 1,24). Na verdade, não se trata de “completar” no sentido de que, sem isso, à paixão redentora de Cristo, como tal, faltaria algo. Sua paixão redentora não é incompleta em si mesma. Porém, segundo a providência divina, a Igreja tem a missão de participar dessa paixão redentora de Cristo. E, como já mencionado anteriormente, esta participação, por sua vez, não é outra coisa senão a ação salvadora, redentora de Cristo na Igreja e através dela, como está muito bem explicado no Catecismo da Igreja Católica:

Tudo o que Cristo viveu foi para que pudéssemos *vivê-lo* nele e para que Ele *o vivesse em nós*. [...] Nós somos chamados a ser uma só coisa com Ele; Ele nos faz partilhar (comungar), como membros de seu corpo, de tudo o que (Ele), por nós e como nosso modelo, viveu em sua carne. (*CICn*. 521)

Chama seus discípulos a “tomar sua cruz e a segui-lo”, pois “sofreu por nós, deixou-nos um exemplo, a fim de que sigamos seus passos”. Quer associar a seu sacrifício redentor aqueles mesmos que são os primeiros beneficiários dele. Isto realiza-se de maneira suprema em sua Mãe, associada mais intimamente do que qualquer outro ao mistério de seu sofrimento redentor. (*CIC n*. 618)

¹⁰ Quanto à oração da Igreja, sobretudo à oferta do sacrifício eucarístico, o Catecismo da Igreja Católica diz: “A oração e a oferenda da Igreja são inseparáveis da oração e da oferenda de Cristo, sua Cabeça. Trata-se sempre do culto de Cristo na e por sua Igreja. É toda a Igreja, corpo de Cristo, que ora e se oferece, “*per ipsum et cum ipso et in ipso*” (por Ele, com Ele e nEle), na unidade do Espírito Santo, a Deus Pai” (*CIC n*. 1553).

Ora, esta verdade é expressa pela designação dos fiéis como “Sangue” de Cristo. Neste sentido, os fiéis são “Sangue” de Cristo por *toda* ação deles que é realmente ação (paixão) *em união com Cristo*, motivada pelo verdadeiro amor derramado em seus corações pelo Espírito Santo (cf. *Rm* 5,5). Nos primeiros séculos, não sem razão, o beber o Sangue de Cristo do cálice eucarístico se relacionava com o martírio,¹¹ sendo este a participação existencial mais profunda no sofrimento e na morte redentora de Cristo.

O Catecismo da Igreja Católica diz a respeito da Igreja: “Ela vive da Palavra e do Corpo de Cristo e se torna, assim, Corpo de Cristo.”¹² Esta afirmação nos remete às duas “mesas” das quais a Igreja se alimenta, isto é, o ambão como mesa da Palavra de Deus e o altar como a mesa do Corpo de Cristo.¹³ Ora, se a Igreja se alimenta da Palavra de Deus, vive e anuncia esta Palavra, não será que ela mesma se torna, de alguma maneira, “*palavra de Cristo*” dirigida aos homens? Isto significa que, em sua vida (enquanto os cristãos vivem a Palavra de Deus) e em seu anúncio, a Igreja é, neste mundo, *aquela realidade pela qual Cristo fala aos homens*. Não é isso que o Apóstolo Paulo quis dizer ao chamar os fiéis de Corinto “uma carta de Cristo”? “Todo mundo sabe que sois uma carta de Cristo, redigida por nosso intermédio, escrita não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo” (*2 Cor* 3,3).

¹¹ O próprio Senhor Jesus Cristo estabeleceu, de alguma maneira, esta relação quando falou do Seu *martírio* como de um *cálice* que Ele e os discípulos devem beber (cf. *Mt* 20,22-23). Neste sentido, o Catecismo da Igreja Católica pode afirmar: “O cálice da Nova Aliança, que Jesus antecipou na Ceia, oferecendo-se a si mesmo, aceita-o em seguida das mãos do Pai em sua agonia no Getsêmani” (*CICn.* 612; cf. *Mt* 26,39: “Meu Pai, se possível, que este cálice passe de mim. Contudo, não seja feito como eu quero, mas como tu queres”).

São Cipriano escreveu falando dos cristãos candidatos ao martírio: “Precisamos de os tornar fortes com a proteção do Sangue e do Corpo de Cristo, [...] Mas como iremos torná-los capazes de beber o cálice do martírio, se não os admitimos antes a beber, na Igreja, do Cálice do Senhor, dando-lhes o direito de comungar?” (*Carta* 57,2 a Fortunato e outros, na primavera de 252; em: *Antologia litúrgica*, Textos litúrgicos, patristicos e canônicos do primeiro milênio, organizado por JOSÉ DE LEÃO CORDEIRO, Fátima, Secretariado Nacional de Liturgia, Imprimatur Porto 2003, p. 298, n. 1080).

¹² *CICn.* 752. Veja também *CICn.* 777: “A palavra «Igreja» [...] designa a assembléia daqueles que a Palavra de Deus convoca para formarem o Povo de Deus e que, alimentados pelo Corpo de Cristo, se tornam Corpo de Cristo.”

¹³ Cf. CONC. VAT. II, *DV* 21; *SC* 48 e 51; também *IGMR* 28.

Que conclusão, em relação ao *Sangue* de Cristo, podemos tirar da referida afirmação do Catecismo? O altar não é somente a mesa do Corpo, mas também do *Sangue* de Cristo. Pode-se, por conseguinte, perguntar se não se poderá aplicar ao Sangue de Cristo a afirmação do Catecismo da Igreja Católica citada acima. A afirmação é, então, a seguinte: “A Igreja vive do Sangue de Cristo e se torna, assim, Sangue de Cristo.” Pode, de fato, ser uma forte expressão figurativa de uma verdade profunda: Jesus Cristo, que nos redimiu *mediante o Seu Sangue*, torna esta obra redentora concretamente eficaz para as pessoas humanas individualmente *mediante a Igreja*, mediante a *vida* dos membros da Igreja, enquanto estes, no seu agir e sofrer, são motivados e vivificados, “no Espírito Santo”, pelo *amor* de Cristo, por este amor com o qual Ele deu a vida, derramou Seu Sangue por todos os homens.

Tudo isto se deve entender à luz da doutrina que reconhece a Igreja como o “sacramento”, isto é, o sinal e o instrumento da salvação em Cristo e por Cristo.¹⁴ No entanto, antes de refletirmos ainda um pouco sobre a índole “sacramental” da Igreja em seu ser e agir, reflitamos um pouco sobre um determinado aspecto da liturgia eucarística.

III. “Para que se tornem o Corpo e o Sangue de Cristo”

A liturgia eucarística começa com a apresentação das oferendas ou o ofertório: “trazem-se então ao altar, por vezes em procissão, o pão e o vinho que serão oferecidos pelo sacerdote em nome de Cristo no Sacrifício Eucarístico e ali se tornarão o Corpo e o Sangue de Cristo” (CIC n. 1350). Este início da liturgia eucarística deve ser reconhecido em seu valor simbólico, o valor de *sinal*. Não tem somente um significado funcional, ou seja: é preciso que haja pão e vinho sobre o altar; por isso, alguém os leva para lá. Sendo também um *sinal*, exprime, manifesta algo a mais.

Sob o ponto de vista físico, é somente pão e vinho que são levados para o altar. Mas este pão e este vinho têm um valor simbólico. O seu significado não se restringe à sua substância material, a qual será mudada, pela Oração eucarística, na substância humana de Cristo, no Seu Corpo e Sangue. *Com* o pão e o vinho ou, melhor, *no* pão e no vinho, *outra* realidade é levada e colocada sobre o altar para ser transformada. Qual é essa realidade?

¹⁴ Cf. CIC n. 774-776.

Pensando no pão e vinho como elementos do mundo material, podemos reconhecer que essa realidade é *toda a criação material*.¹⁵ Papa Bento XVI o afirmou claramente: “realmente, neste gesto humilde e simples, encerra-se um significado muito grande: no pão e no vinho que levamos ao altar, toda a criação é assumida por Cristo Redentor para ser transformada e apresentada ao Pai”¹⁶. Além disso, sendo o pão e o vinho também produtos do trabalho humano, ou seja, “fruto da terra (da videira) e do trabalho humano”, também o *trabalho* humano é levado ao altar para ser transformado, sendo unido ao sacrifício do Senhor.

O Papa Bento XVI afirmou ainda:

Nesta perspectiva, levamos ao altar também todo o sofrimento e tribulação do mundo, na certeza de que tudo é precioso aos olhos de Deus. Este gesto não necessita de ser enfatizado com descabidas complicações para ser vivido no seu significado autêntico: o mesmo permite valorizar a participação primeira que Deus pede ao homem, ou seja, levar em si mesmo a obra divina à perfeição, e dar assim pleno sentido ao trabalho humano que, através da celebração eucarística, fica unido ao sacrifício redentor de Cristo.¹⁷

Ora, pelo gesto de levar pão e vinho ao altar e oferecê-los¹⁸ não é somente o trabalho, a *atividade* do homem, como também o seu sofrimento, que é unido ao sacrifício do Senhor, mas é o próprio *homem*, tanto seu *ser* como seu *agir*.

Pensando, então, na *diferença* entre o pão e o vinho e, consequentemente, na diferença do seu valor de *sinal*, podemos chegar à seguinte conclusão: no *pão* é apresentado e oferecido simbolicamente o *corpo* do homem, juntamente com toda a matéria da criação, enquanto no *vinho* é apresentada a *vida* do homem, ou seja, sua alma como princípio vital, bem como suas atividades vitais e toda a vida da criação material. Parece-me que não é difícil reconhecer esse valor simbólico diferente do pão e do

¹⁵ Cf. CONC. VAT. II, *PO*, n. 5: “Com efeito, na santíssima Eucaristia está contido todo o tesouro espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, a nossa Páscoa e o pão vivo que dá aos homens a vida mediante a sua carne vivificada e vivificadora pelo Espírito Santo: assim são eles convidados e levados a oferecer, juntamente com Ele, a si mesmos, os seus trabalhos e todas as coisas criadas.”

¹⁶ BENTO XVI, *Sacramentum caritatis*, n. 47. Cf. também o Catecismo da Igreja Católica: “No sacrifício eucarístico, toda a criação amada por Deus é apresentada ao Pai por meio da Morte e da Ressurreição de Cristo” (*CIC* 1359).

¹⁷ BENTO XVI, *Sacramentum caritatis*, n. 47.

¹⁸ Cf. o texto latino das respectivas orações: “quem (quod) tibi *offerimus*”.

vinho. O pão é matéria sólida, como são os corpos. O vinho é um líquido, e isto nos faz pensar na *água* ou no sangue. Ora, a água é princípio de vida para a criação material. A respeito do sangue é evidente que sem ele não pode haver um corpo (humano) *vivo*. No livro do Gênesis, nas palavras de Deus a Noé, se encontra expressamente a identificação de “sangue” com “vida”: “Não deveis comer carne com *vida*, isto é, com o *sangue*. Da mesma forma pedirei contas do vosso *sangue*, que é a vossa *vida*, a qualquer animal” (*Gn* 9,4-5a).¹⁹

Portanto, quando colocamos pão e vinho sobre o altar, com um gesto de oferta, colocamos nestas oferendas materiais também a *nós* mesmos sobre o altar: no pão, o nosso corpo, no vinho, toda a nossa vida, a nossa atividade vital, o nosso agir e sofrer (o amor sofredor). Colocamos também toda a *criação*: no pão, toda a criação enquanto matéria sólida, no vinho, toda a criação enquanto animada de vida. E para que *fim* colocamos o pão e o vinho sobre o altar?

Para responder a esta pergunta, convém considerar o que diz a *epiclese* da Oração eucarística. Nas Orações eucarísticas do Missal Romano se encontram duas epicleses claramente distintas, separadas uma da outra, a saber: a epiclese sobre as *oferendas* e a epiclese sobre os *comungantes*. Na epiclese sobre as oferendas ou epiclese consecratória pede-se a transformação do pão e do vinho no Corpo e Sangue de Cristo: “Santificai, pois, estes dons, derramando sobre eles o vosso Espírito, a fim de que se tornem para nós o Corpo e o Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo” (Oração eucarística II).

Note-se que a palavra “nobis” (“para nós”²⁰) indica que também “nós” – quer dizer, a Igreja, os fiéis que, no pão e no vinho, colocaram a *si mesmos* sobre o altar – somos, de alguma maneira, inseridos na ação santificadora e transformadora do Espírito Santo sobre o pão e o vinho.²¹

¹⁹ Cf. também *Lv* 17,11: “Por que a vida de um ser vivo está no sangue, e eu vos mandei pôr o sangue sobre o altar para expiar por vossas vidas, pois é o sangue que faz a expiação pela vida.”

²⁰ Na Oração eucarística I e II e nas Orações eucarísticas “pro variis necessitatibus”.

Certamente, “para nós” não significa que o pão e o vinho não se tornem objetivamente o Corpo e o Sangue de Cristo, ou seja, uma realidade que não depende da nossa fé. Mas se tornam essa realidade objetiva “para nós”, isto é, para o nosso bem, nossa santificação, nossa transformação.

²¹ Em Orações eucarísticas orientais, esta inclusão está expressa já pelo fato de que não existem duas epicleses separadas, mas uma só, contendo os dois aspectos mencionados. Assim, na anáfora de São Basílio, a epiclese começa pedindo primeiro a vinda do Espírito

Esta ação é, então, explicitada na segunda parte da epiclese, isto é, a epiclese para a transformação dos comungantes. Eis a epiclese da Oração eucarística IV do Missal Romano:

Olhai, com bondade, a oblação que destes à vossa Igreja e concedei aos que vamos participar do mesmo pão e do mesmo cálice que, reunidos pelo Espírito Santo num só corpo, nos tornemos em Cristo uma oferenda viva para o louvor da vossa glória.²²

De fato, o pão e o vinho são transubstanciados no Corpo e Sangue de Cristo em Sua entrega sacrificial ao Pai: Cristo em Sua Páscoa; e esta presença de Cristo é para que nós possamos participar desse sacrifício de Cristo, entrar em comunhão com Ele neste Seu ato supremo de amor ao Pai para a nossa salvação. Ora, esta salvação consiste exatamente na comunhão com Cristo e, por Ele e n'Ele, com o Pai, sendo sempre comunhão do Espírito Santo. Por esta comunhão com Cristo, no Espírito Santo (isto é, pelo Espírito Santo em nossos corações; cf. *Rm* 5,5), somos *um só Corpo*, que é o Corpo de Cristo aqui na terra, ou um só *corpo* e um só *espírito* (cf. *Ef* 4,4) – pela comunhão com o único Corpo de Cristo e com Seu único Espírito, o Espírito Santo. É este o pedido da epiclese sobre os comungantes: “Concedei que, alimentando-nos com o Corpo e o Sangue do vosso Filho, repletos do Espírito Santo, nos tornemos em Cristo um só corpo e um só espírito” (Oração eucarística III)²³.

Resumindo, podemos dizer que a epiclese eucarística pede a transformação das oferendas do pão e do vinho no *Corpo e Sangue* do Senhor, bem como a transformação dos fiéis que receberão este Corpo e Sangue do Senhor em *um só Corpo*, que é o *Corpo do Senhor*. Lembremo-nos da argumentação do Apóstolo Paulo: somos “um só Corpo” pela “comunhão com o Corpo de Cristo” (cf. *1 Cor* 10,16-17); embora muitos, os fiéis formam “um só Corpo” (*1 Cor* 12,13), e este corpo é o “Corpo de

Santo “sobre nós”: “E te pedimos ... para que, pelo beneplácito de tua bondade, venha teu Espírito Santo sobre nós, teus servos, e sobre estes teus dons apresentados, ...”. (Texto português segundo a tradução em: C. GIRAUDO, “*Num só corpo*”. *Tratado mistagógico sobre a eucaristia*, São Paulo 2003, 303).

²² O Catecismo da Igreja Católica explica a epiclese neste sentido. “A *epiclese* (“invocação sobre”) é a intercessão na qual o sacerdote suplica ao Pai que envie o Espírito Santificador para que as oferendas se tornem o Corpo e o Sangue de Cristo, e para que ao recebê-los os fiéis se tornem eles mesmos uma oferenda viva a Deus” (CIC 1105).

²³ A anáfora de São Basílio diz: “a fim de que nos transformemos num só corpo e num só espírito” (texto português segundo a tradução em: C. GIRAUDO, “*Num só corpo*”. *Tratado mistagógico sobre a eucaristia*, São Paulo 2003, 303).

Cristo”, pois: “Vós todos sois o Corpo de Cristo e, individualmente, sois membros desse Corpo” (1 Cor 12,27).

Notemos agora o seguinte: a epiclese da transformação das oferendas pede a transformação no Corpo e Sangue de Cristo, enquanto a epiclese da transformação dos fiéis que receberão este Corpo e Sangue de Cristo pede a sua transformação num só *Corpo*. Não fala do sangue, mas somente do “Corpo”, o qual, certamente, não é o corpo físico, individual de Cristo, mas é Corpo de Cristo exatamente pela comunhão com o corpo físico de Cristo, presente sob as aparências de pão. Sem dúvida, isto corresponde ao que escreveu o Apóstolo Paulo na primeira carta aos Coríntios (10,16-17). Primeiro, ele afirma que o “cálice da bênção, que abençoamos” (o vinho no cálice), é a “comunhão com o Sangue de Cristo”, e que o “pão que partimos” é a “comunhão com o Corpo de Cristo”. Em seguida, porém, tira a conclusão a respeito do efeito dessa comunhão apenas referente ao *pão* que é o Corpo do Senhor, não com referência ao *vinho* que é o Sangue do Senhor.

Vimos, no entanto, que é possível falar da Igreja também como “Sangue” de Cristo. Deste modo, teria sentido uma epiclese que pede não somente a transformação dos comungantes para serem “um só Corpo”, mas também “um só Sangue”: “concedei que, alimentando-nos com o Corpo e o Sangue do vosso Filho, repletos do Espírito Santo, nos torne-mos em Cristo um só Corpo e um só Sangue”. Expressaria perfeitamente a concordância entre as duas dimensões da epiclese ou, em outras palavras, exprimiria, com toda a perfeição da formulação, a *unidade* inseparável da epiclese: invoca-se o Espírito Santo sobre as oferendas de pão e vinho e sobre os fiéis que os receberão, para que se tornem *o Corpo e o Sangue de Cristo*, sendo que o pão e o vinho se tornam o Corpo e o Sangue de Cristo no sentido *pessoal, individual*, enquanto os fiéis se tornam, pela comunhão com este Corpo e Sangue de Cristo, o Corpo e o Sangue de Cristo no sentido *eclesial*.

Esta consideração nos leva a pensar também nas orações com as quais, na “apresentação das oferendas” ou “ofertório”, o pão e o vinho são colocados sobre o altar. No Rito Romano após a reforma litúrgica depois do Concílio Vaticano II, tais orações indicam como fim ao qual se orienta este primeiro elemento da liturgia eucarística: que o pão se torne “*panis vitæ*”, “pão da vida” (cf. Jo 6,35.48) e o vinho, “*potus spiritalis*”, “bebida

espiritual”²⁴. É significativo que a tradução portuguesa (tanto em Portugal como no Brasil), em vez de “bebida espiritual”, use a expressão “vinho da salvação”. Esta expressão é, de fato, mais apropriada, pois corresponde mais à expressão “pão da vida”: o pão se deve tornar “pão da vida” e o vinho, “vinho da salvação”.

Refletindo ainda sobre as orações do “ofertório”, pensando numa formulação que contenha em poucas palavras os diversos elementos deste início da liturgia eucarística, podemos chegar à conclusão de que seria desejável que essas orações mencionassem também o aspecto do pão e do vinho como *sinal*, ou seja, seu valor simbólico acima apresentado.

Segundo este significado, tais orações deveriam dizer que apresentamos ao Pai no *pão* não somente o pão como tal, mas também *toda a criação material*, da qual o pão provém²⁵, bem como a *nós* mesmos, ou seja, os nossos *corpos* (isto é, os de todos os fiéis); e que no *vinho* apresentamos ao Pai não somente o vinho como tal, mas também *toda a vida* da criação, bem como a nossa própria vida, todo o nosso trabalho, as nossas ações e nossos sofrimentos; e que apresentamos tudo isso para que se torne o “Corpo” e o “Sangue” de Cristo, do Filho bem-amado do Pai.²⁶

IV. A Igreja, “Corpo e Sangue” de Cristo: “sacramento”, isto é, “sinal e instrumento” de Cristo

Vimos que é justificado chamar a Igreja de “Corpo e Sangue de Cristo”. Deste modo, com efeito, se exprime explicitamente não somente o seu *ser* em Cristo (“corpo de Cristo”), mas também o seu *agir* em Cristo, por Cristo e com Cristo (“Sangue de Cristo”). São duas dimensões da realidade que é a Igreja unida a Cristo.

²⁴ Segundo a palavra do Senhor, Seu sangue é “verdadeira bebida” (*Jo* 6,55).

²⁵ Cf. as palavras de Sto. Irineu: “Esta oblação, só a Igreja a oferece, pura, ao Criador, oferecendo-lhe com ação de graças o que provém de sua criação” (*Ad. haer.*, 4,18,4).

²⁶ Quanto à criação material e sua participação no mistério da Igreja ser “corpo” de Cristo, “esposa” de Cristo, precisa considerar particularmente a visão da consumação de toda a história da salvação apresentada no livro do Apocalipse: todas as criaturas (que não resistiram ao convite de Deus), os homens e a criação material, e também os Anjos, formarão a “esposa” do Cordeiro, fazendo parte, portanto, daquele mistério de união que o Apóstolo Paulo exprime com o conceito de “corpo de Cristo”. Cf. N. THANNER, *A consumação do “Mistério de Cristo”: A união de todas as criaturas em Cristo segundo o modelo divino trinitário e através da Eucaristia*, em: *Sapientia Crucis* 9 (2008), 133-226, particularmente pp. 147-153; 219-224.

Também na denominação da Igreja como “sacramento” encontramos duas dimensões ou aspectos: “sinal” e “instrumento”, como já explicitou o Concílio Vaticano II, afirmando que “a Igreja é em Cristo como que sacramento isto é, sinal e instrumento, da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG 1). “Sacramento”, portanto, quer dizer: *sinal e instrumento*.

Com a palavra “sinal” se exprime a dimensão de *manifestação*: o “sacramento” é uma realidade *perceptível*; os sentidos a podem perceber. Esta realidade perceptível (visível, audível, constatável) é, ao mesmo tempo, *instrumento* para realizar aquela realidade não perceptível em si mesma, da qual a realidade perceptível é o sinal, a manifestação.

Esta constatação se verificou já em Cristo mesmo, o Verbo encarnado²⁷: Sua humanidade (visível pelo corpo) era aquela realidade perceptível pela qual Ele – a Pessoa divina, a divindade, a realidade não perceptível – Se *manifestava* aos homens, entre os quais vivia. O Catecismo da Igreja Católica explica bem esta verdade:

Desde os paninhos de sua natividade até o vinagre de sua Paixão e o sudário de sua Ressurreição, tudo na vida de Jesus é *sinal* de seu Mistério. Por meio de seus gestos, de seus milagres, de suas palavras, foi *revelado* que “nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cf 2,9).²⁸

Sendo Sua humanidade também *instrumento* da divindade, ela é sacramento da divindade e da *salvação* que Ele traz:

Sua humanidade aparece, assim, como o “sacramento”, isto é, o sinal e o instrumento de sua divindade e da salvação que ele traz: o que havia de visível em sua vida terrestre apontava para o mistério invisível de sua filiação divina e de sua missão redentora. (CIC n. 515)

A Igreja, por sua vez, também é uma realidade perceptível, uma comunidade de pessoas humanas, uma sociedade. Mas a realidade que é a Igreja não consiste somente naquilo que nela é perceptível para os sentidos humanos. Na verdade, ela é muito mais. Ela é a realização da autodoação do Pai pelo Filho no Espírito Santo às pessoas humanas; é o mistério realizado da comunhão dos homens com Deus Uno e Trino; em outras palavras: ela é salvação humana atuada, embora não já salvação consumada, mas já é o efeito da divina ação salvadora. Por isso, se pode reconhecer – pela fé – que ela “contém” este mistério de comunhão, de

²⁷ Cf. LG 8, que diz que se pode “comparar a Igreja ao mistério do Verbo encarnado”.

²⁸ CIC 515. O destaque não é original.

salvação, de graça divina, do qual é o sinal.²⁹ E ela é especificamente comunhão com *Cristo*, o *Esposo*, o *Salvador* da Igreja. Ora, por esta comunhão, a Igreja é o “*Corpo de Cristo*”.

Mas, a Igreja não é somente o *efeito* da autocomunicação divina, o *resultado* da ação salvadora divina, do dom do Espírito Santo por parte de Cristo e do Pai; a Igreja não somente *contém* a graça divina invisível, mas também a *comunica*. A Igreja, portanto, não é somente, em sua realidade perceptível, *sinal* da realidade divina invisível, mas também é o *instrumento* de Cristo (e do Seu Espírito) para a realização do mistério de comunhão-salvação que ela é. “Como sacramento, a Igreja é instrumento de Cristo. «Nas mãos dele, ela é o instrumento da Redenção de todos os homens»³⁰, «o sacramento universal da salvação»³¹, pelo qual Cristo «manifesta e atualiza o amor de Deus pelos homens»³²” (CIC n. 776).

Ora, este aspecto de a Igreja, como “sacramento”, não somente *conter* a graça da comunhão-salvação, mas também *atuá-la*, *comunicá-la*, é o aspecto de a Igreja ser o “*Sangue de Cristo*”. Ela o é enquanto serve a Cristo de *instrumento* para *efetuar* “*aqui e agora*” a *salvação dos homens obtida através do Seu Sangue derramado naquele tempo com um ato supremo de amor*.

A respeito desta afirmação, no entanto, precisa ainda levar em consideração o seguinte. Certamente, é pelos sete *sacramentos* que a Igreja é da maneira mais intensa e garantida o “sacramento” da salvação. Neste sentido, o Catecismo da Igreja Católica diz, partindo da obra salvífica de Cristo:

A obra salvífica de sua humanidade santa e santificante é o sacramento da salvação que se manifesta e age nos sacramentos da Igreja [...] Os sete sacramentos são os sinais e os instrumentos pelos quais o Espírito Santo difunde a graça de Cristo, que é a Cabeça, na Igreja, que é seu Corpo. A Igreja contém, portanto, e comunica a graça invisível que ela significa. (CIC n. 774)

A Igreja, porém, é “sacramento” da salvação não somente pelos sacramentos, mas também pela *vida de amor* (que encerra a prática de todas

²⁹ Não é somente sinal ou sinal vazio.

³⁰ LG 9.

³¹ LG 48.

³² Cf. 1 Cor 13.

as virtudes³³) dos seus membros. Por isso, o Catecismo da Igreja Católica pode fazer a seguinte afirmação:

Assim, a missão da Igreja não é acrescentada à de Cristo e do Espírito Santo, senão que é o Sacramento dela: por todo o seu ser e em todos os seus membros, a Igreja é enviada a anunciar e testemunhar, atualizar e difundir o mistério da comunhão da Santíssima Trindade. (CIC n. 738)

A expressão “Sangue de Cristo” aplicada à Igreja exprime a verdade que ela é instrumento de Cristo, instrumento da Sua ação salvadora, também mediante a *vida* dos seus membros, enquanto estes, no seu agir e sofrer, são motivados e vivificados, no Espírito Santo, pelo *amor* de Cristo, por este amor com o qual Ele deu a vida, derramou Seu Sangue por todos os homens. Deste modo, essa vida dos fieis – agir e sofrer, orar e anunciar, testemunhar – é a vida *de Cristo* nos membros do Seu Corpo aqui na terra. “Tudo o que Cristo viveu foi para que pudéssemos *vivê-lo* nele e para que Ele *o vivesse em nós*” (CIC n. 521).

Por isso, podemos concluir: a denominação da Igreja como “Corpo e Sangue de Cristo” propõe, de uma maneira sugestiva, a verdade indiscutível da responsabilidade de todos os membros da Igreja de serem, por sua vida de amor – amar como Cristo amou, amar com o amor de Cristo, amar até o ponto de dar a vida, derramar o sangue pela salvação dos irmãos³⁴ –, instrumento da eficácia salvadora do Sangue de Cristo. O “Sangue” exprime a ação salvífica de Cristo, e a Igreja é “Sangue de Cristo” enquanto age por Cristo, com Ele e n’Ele, para a salvação dos homens, ou seja, enquanto Cristo age, salvando, na e através da Igreja.

Nathanael Thanner ORC

³³ Cf. *1 Cor* 13.

³⁴ Cf. *1 Jo* 3,16: “Nisto sabemos o que é o amor: Jesus deu a vida por nós. Portanto, também nós devemos dar a vida pelos irmãos.”

Índice

Introdução	6
I. A Igreja, <i>Corpo e Sangue</i> de Cristo	6
II. A compreensão e o fundamento da expressão	9
III. “Para que se tornem o Corpo e o Sangue de Cristo”	13
IV. A Igreja, “Corpo e Sangue” de Cristo: “sacramento”, isto é, “sinal e instrumento” de Cristo.....	18